

---

# LEITURA E IDENTIDADE NA INFÂNCIA: REFLEXÕES A PARTIR DO LIVRO DA MINHA JANELA, DE OTÁVIO JÚNIOR

---

*READING AND IDENTITY IN CHILDHOOD: REFLECTIONS FROM THE BOOK  
FROM MY WINDOW, BY OTÁVIO JÚNIOR*

Tiese Rodrigues Teixeira Jr<sup>70</sup>  
Ana Beatriz Silva Conceição<sup>71</sup>

## Resumo

Este trabalho tem como objetivo refletir sobre a importância da leitura na construção da identidade da criança, especialmente, aquelas que vivem em contextos de desigualdade social. A partir do livro *Da Minha Janela*, de Otávio Júnior, foi analisado como a literatura pode ser um espaço de escuta, valorização e representação das infâncias. A pesquisa foi feita com base em estudos teóricos de autores como Paulo Freire, Vigotski, Hooks, Stuart Hall e Antonio Candido e teve abordagem qualitativa do tipo bibliográfica. Ao longo do trabalho, é discutido que a infância é uma fase cheia de descobertas, sentimentos, relações e que a leitura quando se conecta com a realidade das crianças ajuda a fortalecer sua autoestima, ampliar sua visão de mundo e afirmar sua voz. A análise do livro mostrou que a janela do menino da favela é também uma janela para quem ler, ela mostra a beleza, a criatividade e a força da infância. Foi concluído que a chamada literatura infantil precisa representar todas as crianças e que ler pode ser um ato de amor, de resistência e de transformação.

**Palavras - chave:** Leitura. Identidade. Infância. Literatura infantil.

## Abstract

This work aims to reflect on the importance of reading in the construction of children's identity, especially those living in contexts of social inequality. Based on the book "From My Window" by Otávio Júnior, it was analyzed how children's literature can be a space for listening, valuing, and representing childhoods. The research was based on theoretical studies by authors such as Paulo Freire, Vygotsky, Hooks, Stuart Hall, and Antonio Candido, and took a qualitative and bibliographic approach. Throughout the work, it is discussed that childhood is a phase full of discoveries, feelings, and relationships, and that reading, when connected to children's reality, helps strengthen their self-esteem, broaden their worldview, and affirm their voice. The analysis of the book showed that the window of the boy from the favela is also a window for the reader; it shows the beauty, creativity, and strength of childhood. It was concluded that children's literature needs to represent all children and that reading can be an act of love, of resistance, and of transformation.

**Keywords:** Reading. Identity. Childhood. Children's literature

---

<sup>70</sup> Doutor em Ciências do desenvolvimento socioambiental, interdisciplinar, pelo Núcleo de Altos Estudos Amazônicos, NAEA/UFPa. Mestre em Dinâmicas Territoriais e Sociedade na Amazônia, interdisciplinar, (PDTSA) Unifesspa. Graduado em História, Pedagogia e Letras (tiesejr@gmail.com).

<sup>71</sup> Possui graduação em Pedagogia pela Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (2025). Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Educação infantil (ana.beatrizfraz@gmail.com).


## INTRODUÇÃO


A leitura não é só um passatempo, ela ajuda a formar identidade, possibilita os sonhos e pode fazer as crianças enxergarem seu próprio valor. O livro *Da minha janela* aborda essas dimensões, mostrando como a criança aprende com o mundo ao redor. Desde a primeira infância, a literatura tem um papel essencial na construção da identidade e no modo como a criança compreende a si mesma e o mundo. Entender essa relação é importante para pensar uma educação que acolha, valorize e represente todas as infâncias em sua diversidade. É deste universo que este trabalho trata.

Falar sobre infância, leitura e identidade é abordar três conceitos que se entrelaçam na formação do ser. Esses conceitos quando vistos em conjunto, mostram como as experiências da infância são atravessadas por construções emocionais, culturais e sociais que impactam diretamente na formação do eu, e como a leitura atua como um espaço de mediação nesse processo. Este capítulo busca desenvolver uma reflexão teórica sobre cada um desses temas, destacando sua interdependência e sua relevância no campo da educação e da formação humana. Essas fundamentações vão servir de base para a análise do livro *Da Minha Janela*, de Otávio Júnior, que será aprofundada nos próximos capítulos. É uma obra que une essas temáticas em uma visão que abre espaço para a escuta da infância e de vozes periféricas na literatura infantil.


Dessa forma, esse artigo tem como objetivo geral refletir como a leitura contribui para a formação da identidade da criança. A metodologia usada é qualitativa do tipo bibliográfica, tendo como fonte principal de análise o livro *Da Minha Janela*, do autor Otávio Junior. Teoricamente, dialogamos com as noções de infância, identidade e leitura. O trabalho está organizado da seguinte maneira: introdução; aspectos teóricos: infância, leitura e identidade; a obra *da minha janela* e seu autor; análises e reflexões e considerações finais.

## ASPECTOS TEÓRICOS: INFÂNCIA, LEITURA E IDENTIDADE


Pensar a infância no contexto da formação humana implica reconhecer ela como uma etapa marcada por muitas descobertas, interações e construções simbólicas. Não se trata apenas de uma fase biológica marcada por uma faixa etária, mas de uma condição existencial e cultural que traz para a criança um lugar específico no mundo e no processo histórico. O




UEG




UEG




UEG




UEG




UEG




UEG




UEG




UEG




UEG




UEG




UEG




UEG




UEG




UEG




UEG




UEG




UEG



UEG



UEG




UEG

conceito de infância é uma construção social e histórica, que varia conforme as culturas, os tempos e os modos como cada sociedade enxerga a criança e a valoriza (SARMENTO, 2003). Ao longo da história, a criança passou de um ser “incompleto” e “em formação” para um ser de direitos, ser de saberes e de uma forma própria de estar no mundo. Nesse sentido, pensar a infância a partir de uma perspectiva crítica exige atenção ao lugar social, político e simbólico que as crianças ocupam em suas realidades diárias, especialmente aquelas que crescem enfrentando desigualdades e silenciamentos históricos.


Essa perspectiva é fundamental para que possamos olhar para as crianças como sujeitos de direitos, de desejos, de imaginação e de identidade. Quando uma criança é escutada em sua plenitude, ela mostra uma sabedoria profunda sobre o mundo que a cerca. É nesse processo de escuta verdadeira, como sugere Paulo Freire que a educação se torna libertadora, pois considera o sujeito em sua totalidade. Freire (1996) sempre defendeu que a educação precisa partir do reconhecimento do sujeito e de sua história. Ao afirmar que “ninguém educa ninguém, ninguém se educa sozinho, os homens se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo” (FREIRE, 1996), ele coloca as crianças também como protagonistas desse processo, ainda que muitas vezes não sejam reconhecidas assim.

Na prática pedagógica isso significa acolher o modo como as crianças se expressam, compreendendo que sua linguagem não se limita à fala verbal. Crianças falam com o corpo, com o gesto, com os desenhos, com os silêncios. Isso nos convida a desenvolver uma escuta atenta e cheia de afeto, que valorize suas experiências e que respeite seus tempos e modos próprios de ser. Hooks (2018), nos lembra da importância de criar espaços de escuta e acolhimento nos quais cada sujeito se sinta visto. Quando pensamos em crianças negras e periféricas, essa escuta se torna ainda mais urgente, pois são elas as que mais frequentemente têm suas narrativas apagadas ou subalternizadas.


A infância é, portanto, um território de resistência e de potência criadora. Hall (2006), ao discutir a construção da identidade, aponta que ela não é algo fixo, mas um processo constante de significações. As crianças, mesmo muito pequenas, já estão nesse movimento de construção de identidade. Elas observam, imitam, contestam, reinventam. E fazem isso com uma intensidade que muitas vezes passa despercebida aos olhos adultos. Hall nos ajuda a entender que a infância é também um momento de intensa formação de sentidos, onde a cultura e a linguagem desempenham papel principal.




UEG




UEG




UEG




UEG




UEG




UEG




UEG




UEG




UEG




UEG




UEG




UEG




UEG




UEG




UEG




UEG




UEG



UEG



UEG



UEG

Nesse sentido, o livro *Da minha janela*, de Otávio Júnior, ganha ainda mais relevância, pois permite visibilizar uma infância marcada por outras paisagens (que muitas vezes invisibilizadas pela literatura infantil tradicional). Ao mostrar a visão de uma criança que enxerga o mundo a partir da janela da favela, o livro nos convida a mudar o olhar e a entender outras possibilidades de infância. Como a própria janela do livro, a infância pode ser um espaço de abertura para o mundo, de descobertas, de beleza e de esperança. Convida a ver o mundo a partir do olhar de uma criança da periferia, que encontra beleza, alegria e poesia no seu dia a dia. Ao valorizar essa visão infantil, o livro quebra estereótipos e afirma a infância da periferia como um espaço de riqueza simbólica e cultural. O personagem principal não é um “menino pobre” esperando salvação, mas um ser que cria e conta sua própria história de dentro para fora. Essa é uma forma bem forte de reconhecer o valor das experiências infantis em seus contextos reais.

Considerando isso, tratar sobre a infância exige cuidado para não cairmos na romantização, mas, também, para não ignorarmos sua força. A infância é sim, vulnerável e precisa de proteção, mas é também um tempo de força, de transformação e de afirmação de sentidos. Reconhecer isso é tarefa da educação, da literatura, da família e de todos os espaços sociais. Só assim poderemos formar pessoas que desde cedo, saibam que têm direito a palavra, a escuta e a imaginação.

Pensar a infância como um lugar de produção de sentidos também nos permite questionar as representações que são oferecidas as crianças na escola, na mídia e na literatura. Quando a criança não se vê representada, quando seus traços, sua cor, sua comunidade ou sua forma de falar não estão presentes nas histórias contadas, ela corre o risco de internalizar a ideia de que não pertence, de que sua vivência não é válida. Antonio Candido (2004) defende a importância da literatura como um direito humano, e reforça que ela é fundamental para a formação do senso de mundo, da empatia e da imaginação. Privar uma criança do acesso à literatura que a represente é também privá-la de uma parte de si mesma.

Reconhecer a complexidade da infância é uma forma de afirmar a dignidade de todas as crianças. É entender que não existe infância verdadeira e infância menor, mas sim infâncias múltiplas, importantes em sua diversidade. Quando escutamos as crianças com respeito, quando oferecemos livros que refletem suas vivências, quando valorizamos suas linguagens,



estamos contribuindo para que cresçam com autonomia, autoestima e consciência crítica. E isso é um compromisso com a justiça social desde os primeiros anos de vida.


Assim, falar sobre infância é falar sobre o futuro, mas também sobre o presente. É reivindicar o direito das crianças a serem ouvidas, vistas e representadas. É abrir espaço para que possam construir seus próprios sentidos sobre o mundo, mas não a partir de moldes prontos, mas daquilo que vivenciam, sonham, aquilo que faz parte da sua identidade.

A identidade é um conceito dinâmico, variado e em constante transformação, ela atravessa toda a existência humana. Longe de ser uma característica que não muda, ela se constitui a partir de múltiplas experiências, discursos e contextos sociais e culturais. HALL (2006), afirma que a identidade deve ser entendida como “um ponto de sutura, provisório, entre o sujeito e as posições discursivas que ele ocupa” (HALL, 2006). Isso significa que as identidades são construídas no interior das relações sociais e estão sempre sujeitas a deslocamentos, pois dependem das formas como os sujeitos se reconhecem e são reconhecidos nas tramas da cultura e do poder.


Esse entendimento rompe com as noções essencialistas de identidade e permite pensar de forma mais crítica, como fatores como raça, gênero, classe social e território influenciam na constituição dos sujeitos, especialmente na infância. As crianças negras e periféricas, por exemplo, desde cedo experienciam uma formação de identidade marcada pela desigualdade, pela falta de representatividade e por narrativas sociais que frequentemente as desvalorizam.

Nesse sentido, a construção da identidade não ocorre apenas de forma individual, mas atravessada por elementos históricos e estruturais que determinam quem tem voz, quem é visto e quem é lembrado socialmente.


Refletir sobre a identidade a partir dessa perspectiva leva a pensar na importância de valorizar os espaços de escuta e acolhimento as vivências das crianças em suas singularidades. Quando Hall fala de “sujeito em processo” somado a visão que o livro do Otávio Júnior nos proporciona, consigo visualizar com clareza as trajetórias dos meninos e meninas que vivem nas periferias, cujas identidades se constroem entre resistências e reinvenções. Eles não são apenas frutos do meio, mas também produtores de sentidos e pertencimentos. Por isso, é tão necessário criar ambientes que fortaleçam a autoestima, a expressão e o reconhecimento de quem se é, especialmente em contextos onde tantas vezes o racismo e a desigualdade silenciam vozes.




UEG




UEG




UEG




UEG




UEG




UEG




UEG




UEG




UEG




UEG




UEG




UEG




UEG




UEG




UEG




UEG




UEG



UEG



UEG



UEG

Nesse caminho, Hooks (2018) nos oferece contribuições fundamentais ao destacar o papel do amor e da escuta na formação identitária. Para ela, o ato de educar e se relacionar com o outro deve partir de um compromisso ético com a liberdade e com o reconhecimento das subjetividades. Em sua obra, ela enfatiza que a construção de uma identidade saudável passa pelo direito de ser ouvido, respeitado e valorizado. Isso é particularmente importante para crianças negras, que muitas vezes são privados de espaços onde possam se expressar livremente, sem julgamento ou estereótipos. Hooks denuncia que o sistema educacional tende a silenciar essas infâncias e a não considerar suas histórias e saberes como legítimos.

A identidade, sob esse olhar, deixa de ser uma categoria neutra para se revelar como um campo de disputa. hooks (2018) afirma que ensinar é um ato profundamente performático, é dar voz aos silenciados, é romper com os discursos dominantes e abrir espaço para outras narrativas. Essa afirmação ganha força quando pensamos nas crianças que crescem rodeadas por discursos que as excluem e as limitam. Permitir que essas crianças se vejam representadas nos livros, nas falas dos educadores e nas dinâmicas pedagógicas é uma forma concreta de reconhecer sua humanidade e seu direito de existir plenamente.

A leitura é um dos pilares centrais na formação do sujeito, não apenas como uma habilidade técnica, mas sobretudo como uma prática social e cultural carregada de sentidos. Ao longo da história, diferentes concepções de leitura foram construídas, mas é especialmente a leitura entendida como mediação, produção de sentido e possibilidade de emancipação que nos interessa neste trabalho. Essa perspectiva rompe com a ideia reducionista de leitura como mera decodificação de signos e reconhece a leitura como um ato complexo de interpretação do mundo, profundamente ligado à linguagem, à cultura, à identidade e à experiência.

Paulo Freire, um dos principais pensadores da educação crítica, afirma que “a leitura do mundo precede a leitura da palavra” (FREIRE, 1989), destacando que a compreensão do texto escrito só é possível a partir da leitura da própria realidade vivida. A leitura, portanto, não começa nos livros, mas nas vivências cotidianas, nas relações sociais, nos contextos culturais. Ao dizer isso, Freire nos convida a reconhecer que ler é um ato de consciência, e que todo sujeito, mesmo aquele que ainda não domina a linguagem escrita, já é um leitor do mundo. Assim, quando falamos da leitura na infância, devemos considerar que a criança já interpreta, constrói sentidos e reage ao mundo desde muito cedo – ainda que de forma pré-verbal ou imagética.

## A OBRA DA MINHA JANELA E SEU AUTOR

Escolher o livro *Da Minha Janela*, de Otávio Júnior, como base para esse trabalho não foi apenas uma decisão literária, mas também algo pedagógico. Se trata de uma narrativa que nasce da vida, da escuta sensível da infância e da vivência em um território historicamente marginalizado: a favela. Nesse capítulo, teremos uma aproximação mais aprofundada com a trajetória do autor, a importância do livro na literatura infantil atual e aos sentidos que essa narrativa desperta quando colocada em diálogo com a leitura, identidade e infância.

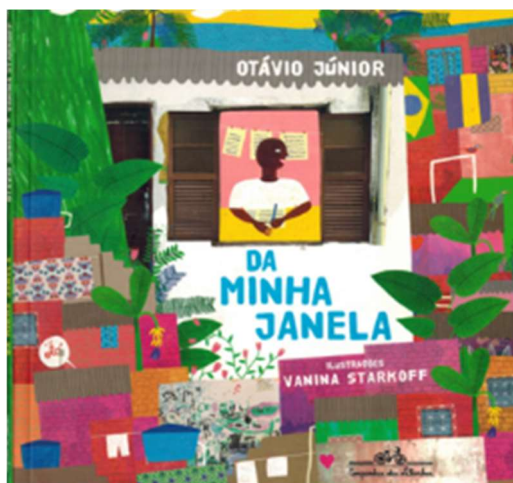
Otávio Júnior é mais do que um autor de livros infantis, é um mediador de leitura, ativista cultural e criador de projetos que levam a palavra, afeto e transformação. Ele foi nascido e criado no Complexo do Alemão, no Rio de Janeiro, cresceu em um ambiente onde os livros não chegavam com facilidade. Sua relação com a leitura foi construída a partir de experiências marcantes, como ele mesmo relata em entrevistas e na sua autobiografia.

Foi a descoberta da literatura que o levou a imaginar novos mundos e a desejar levar essa experiência a outras crianças da comunidade. Com essa motivação criou o projeto *Ler é 10 - Leia Favela*, fazendo bibliotecas comunitárias em territórios populares e promovendo o acesso ao livro como direito e possibilidade. “Fui salvo por um livro, pois acredito na força desse objeto mágico - e quero que a favela esteja imortalizada dentro dele” Júnior (2019).

Essas vivências moldam sua escrita. Otávio escreve a partir de onde vive e isso dá a sua obra uma força particular: “Da minha janela eu vejo milhares de histórias e desejo conta-las, ouvi-las e ajudar a serem contadas. Vivo para contar histórias, sobretudo da favela, que é um mundo inteiro dentro de algumas cidades, com sua língua, costumes, cultura e tradições.” (Júnior, 2019. p. 45).

O livro é um exemplo dessa escrita de dentro. Publicado pela Companhia das Letrinhas em 2019, o livro foi ilustrado por Vanina Starkoff e ganhou destaque pela sensibilidade do texto e pela beleza das ilustrações. Em 2020 a obra recebeu o Prêmio Jabuti na categoria infantil, um dos mais importantes da literatura brasileira, e foi traduzida para diversos idiomas, o que reforça sua importância não apenas no Brasil, mas, também, no cenário internacional.

**Figura 01** - Capa do livro *Da Minha Janela*.



Fonte: Júnior, Otávio (2019)


O diferencial da obra está na origem dela, é uma narrativa que nasce da favela, escrita por alguém que a vive. Como aponta o Linard et al.(2023), Da Minha Janela rompe com a lógica hegemônica da representação literária, pois desloca o olhar sobre a infância negra e periférica e permite que ela seja vista em sua inteireza, com afeto, sonho e identidade. E isso traz autenticidade, profundidade e poder simbólico a sua escrita. A identidade se constrói não apenas pelo que somos, mas pelas histórias que contamos sobre nós mesmos.

Ao transformar a favela em cenário de beleza, imaginação e esperança, Otávio Júnior reconfigura as paisagens sociais e afetivas da literatura infantil brasileira. Ele mostra que é possível contar outras histórias, com outros olhares, sem negar as dificuldades, mas destacando a força dos vínculos, da cultura e da capacidade de sonhar. Sua escrita é um ato político e pedagógico, que convida leitores de todas as idades a ver a favela para além dos estigmas e a reconhecer nela um lugar legítimo de humanidade.


A linguagem do livro é leve e ao mesmo tempo, cheia de profundidade. A voz do menino que narra apresenta o dia a dia com encantamento e sensibilidade, descrevendo cenas como: o céu estrelado, muitas lajes e telhados remendados. Nesse trecho, a relação entre o céu e os telhados remendados mostra algo vivido por muitas crianças, o sonho e a realidade se unem. A criança sonha mesmo quando a vida é difícil. Ela inventa, reinventa, resiste. Como já vimos nos capítulos anteriores, a infância não é uma fase incompleta, mas um tempo de produção intensa. O menino que narra o livro lê o mundo ao seu redor e essa leitura é carregada de sentidos.

A questão da narração também é bem interessante, a criança que conta a história não está esperando que alguém diga quem ela é. Ela diz. Ela olha e se posiciona. Ela nomeia o







UEG




UEG




UEG




UEG




UEG




UEG




UEG




UEG




UEG




UEG




UEG




UEG




UEG




UEG




UEG




UEG




UEG



UEG



UEG



UEG

mundo e se reconhece nele. Isso é representatividade. No caso do menino do livro, é também um gesto de afeto, de alegria e de afirmação. Ele não deseja sair da favela, mas viver nela com respeito, sonhos e com livros. E essa iniciativa é gesto de construção de identidade e pertencimento.

É mostrado um espaço de vida, e não de carência. A rua é lugar de brincar, de sonhar, de imaginar o futuro. Em vários trechos mostra a relação com as outras crianças.

A infância é coletiva, é relacional. A imaginação não é distante da realidade: ela emerge dela. Isso dialoga com a visão de Vygotsky (2007), para quem a imaginação é função psicológica essencial ao desenvolvimento humano e está profundamente ligada à experiência social da criança.

Outro ponto importante é a parte ilustrada do livro. As ilustrações de Vanina Starkoff formam uma narrativa visual que valoriza a favela em sua beleza e também na sua complexidade. As cores fortes, as sobreposições de casas, os personagens sorridentes e diversos aumentam a dimensão do texto. Em uma das ilustrações, à uma casa com uma placa “Ler é 10”, fazendo referência direta ao projeto do autor (Ler é 10 - leia favela). Essa conexão entre a vida, a palavra e a imagem mostram o quanto o livro é atravessado por experiências reais de incentivo à leitura nas periferias.

Além disso, a estrutura do livro valoriza a escuta do leitor. A obra termina com uma pergunta: “E você, o que vê da sua janela?” Essa pergunta rompe a parede entre texto e leitor. Convida à reflexão, à identificação, ao diálogo. Como destaca Bakhtin (1997), a relação com o sentido é sempre dialógica. O texto literário é um convite à resposta. Ao perguntar ao leitor o que ele vê, o livro afirma que toda criança tem direito ao olhar, à palavra e à narrativa. A janela do menino vira espelho, vira provocação.

É preciso destacar que Da Minha Janela é também um ato político. Ao apresentar a leitura como prática viva e cotidiana na favela, a obra reivindica o direito à literatura para todas as infâncias. Ela mostra que a leitura pode estar em qualquer lugar. Como defende Paulo Freire (1996), ensinar a ler é um ato político. Traz a visão de que todas as infâncias tenham direito a leitura, a imaginação e a representatividade. É uma literatura comprometida com a transformação social, e a trajetória do autor como escritor e mediador de leitura revela a força de uma palavra que nasce da experiência, do afeto e da luta.

## ANÁLISES E REFLEXÕES


Esta seção tem o objetivo analisar o livro parte por parte, comunicando com o texto verbal e com as ilustrações, reconhecendo que as duas linguagens constroem juntas, os sentidos da narrativa. O foco será na forma como Da minha janela trata os conceitos centrais desse trabalho: infância, identidade e leitura. Iremos observar como os trechos do livro mostram uma parte particular desses conceitos, trazendo para o leitor, principalmente para o público infantil, uma experiência completa, sensível e transformadora.

Ao começar a falar o que vê da sua janela, o menino da favela não descreve apenas o que está diante de seus olhos, mas revela uma forma própria de sentir e interpretar o mundo. A primeira frase do livro diz: “Da minha janela vejo o céu estrelado e um castelo iluminado.” (p. 6 e 7)


Esse início é significativo por muitos motivos. De início, ela tira quem ta lendo de qualquer expectativa que seja previsível. Em vez de apresentar uma favela marcada pela dureza como vemos nos jornais, o texto nos leva a uma cena que une beleza natural (o céu estrelado) e fantasia (um castelo iluminado, representando a igreja da penha). Essa junção entre o real e o imaginado nos mostra que para essa criança, o mundo não está limitado ao concreto. Ele é ampliado pelo desejo, pelo sonho, pela linguagem simbólica.

Essa forma de narrar, que une o que se vê e o que se imagina, revela uma das principais características da infância: a capacidade de transformar a experiência do dia a dia em criação simbólica. Como defende Vigotski (2007), a imaginação infantil não é dissociada da realidade, mas profundamente conectada com ela. A criança não inventa do nada, ela reelabora o que vive, o que observa, o que sente. Ao falar de um castelo iluminado enquanto olha o céu de sua favela, o menino está, ao mesmo tempo, registrando sua experiência concreta e ativando seu repertório simbólico.


Nesse ponto, a leitura assume um papel fundamental. O castelo que aparece na mente da criança pode ter sido formado por meio de livros, desenhos animados, histórias contadas. Há uma intertextualidade implícita nessa imagem que nos lembra que a infância periférica também é atravessada por múltiplos códigos culturais, e que as crianças das favelas também acessam universos simbólicos diversos, mesmo que a sociedade insista em lhes negar esse direito. Como afirma Antonio Candido (2004), o contato com a literatura é direito humano,




pois amplia o horizonte da existência. E é isso que o menino faz: amplia o real com o imaginário, constrói sentido onde muitos só veem ausência.




A imagem que acompanha esse trecho reforça esse olhar sensível. O céu estrelado em contraste com os telhados e partindo de lá as as estrelas como pipas. O castelo aparece ao fundo e iluminado, não apresentando o castelo como inalcançável, mas como parte do mesmo universo visual do menino. Ele não está separado do sonho, ele pertence a ele.




Essa valorização da imaginação como parte da experiência da criança periférica é um gesto político. Como lembra bell hooks (2018), a representação da infância negra precisa ir além da dor. Mostrar uma criança negra que sonha com castelos, que contempla o céu, que olha para o mundo com encantamento, é afirmar que ela também tem direito à sensibilidade, à poesia, à subjetividade. É romper com a lógica que associa o corpo negro apenas à resistência e não ao sonho.



Além disso, o menino não diz apenas “vejo um castelo”, mas “vejo o céu estrelado e um castelo iluminado”. Há aqui uma estética do encantamento, mas também um gesto de leitura do mundo. Como diria Paulo Freire (1989), a leitura da realidade precede a leitura da palavra. O menino lê o céu, lê a noite, lê a paisagem e nomeia tudo com beleza. Essa leitura é ativa, criadora e formadora. É uma leitura que não se limita às letras, mas se estende a vivência.



Nesse contexto, a janela não é apenas um local físico de observação, mas um símbolo da mediação entre o eu e o mundo. Ela permite o contato com o outro, com o fora, com o além. E o menino, ao usar a linguagem para descrever o que vê, não apenas compartilha sua visão ele constrói um mundo possível. Como já discutimos com base em Bakhtin (1997), todo ato de linguagem é responsivo: provoca, chama, convida. No início, já nos convoca a ver com outros olhos. E isso é por si só, um gesto de leitura e de resistência. Dando sequência a narrativa, o menino nos mostra que além do céu e do castelo, sua janela também revela o cotidiano real da favela. Ele afirma: “Vejo muitas lajes e telhados remendados.” (p. 9) É gente pra todo lado! (p. 11)



Neste momento do livro, o olhar se volta para o concreto, as lajes, os telhados, a vizinhança. Mas esse concreto não é cinzento ou opressor, é vivo e colorido. O que o menino vê não é um cenário de miséria, mas de presença. Ele destaca a quantidade de pessoas no

espaço, a proximidade das casas, a movimentação diária. Uma representação da favela como lugar de gente e não de ausência e invalidação.

Historicamente, a favela foi retratada na literatura e na mídia apenas como espaço de carência, falta de ordem ou violência. Mas Otávio Júnior, ao narrar a partir de sua janela, transforma esse cenário em território de convivência e de identidade. Ao dizer que há “gente pra todo lado”, o narrador não está apenas fazendo uma simples observação. Ele está dizendo: tem vida aqui, tem comunidade, tem pertencimento e podemos observar isso também através dos balões de falas (saindo a partir das casas) presentes por todo o livro.





















Essa visão se alinha ao que Paiva (2018) chama de “território simbólico da infância”: o espaço onde a criança vive se torna também espaço de formação de conceitos, de trocas e de vivências. O menino do livro não está isolado no seu barraco, ele vê, escuta, compartilha. Ele vive em comunidade, mostrando uma infância coletiva. As lajes e telhados não são só estruturas, são símbolos de encontros e de convivência.

A ilustração que acompanha esse trecho reforça esse sentido de vida e movimento. Vemos as casas empilhadas, as pessoas nas janelas, as roupas estendidas, os detalhes do cotidiano. Cada elemento visual reafirma a ideia de que ali tem pessoas, tem histórias, tem vozes. Como afirma hooks (2018), dar visibilidade ao corpo negro em seus espaços é um gesto de resistência simbólica. Mostrar a favela em cor, em detalhe e em dignidade é afirmar que a beleza também mora ali. O menino continua contando: “Quando está muito calor, algumas pessoas trazem o mar para suas casas e o dia fica mais fresco.” E também mostra como é ao cair da noite, mostrando na ilustração dessa parte, além do espaço noturno, um grafite em destaque.

Aqui a janela se torna ainda mais voltada às relações. O menino não observa apenas as estruturas ou o movimento, ele se atenta aos gestos cotidianos da comunidade. Ao dizer que “algumas pessoas trazem o mar para suas casas”, ele está falando das pequenas piscinas infláveis, das mangueiras abertas no quintal, dos baldes cheios de água em dias quentes, gestos simples que revelam a criatividade. Essa parte, ainda que sutil, é bem significativa, mostra que mesmo sem acesso às mesmas estruturas que outras infâncias possuem, a criança da favela recria o lazer, a alegria e o alívio com o que está ao seu alcance.

Além disso, a ilustração que acompanha o outro trecho traz o grafite como elemento de certo destaque. A arte urbana nos muros da comunidade, se torna também linguagem e





resistência visual. O grafite não está ali por acaso, ele retrata a Malala Yousafzai ganhadora do prêmio nobel da paz, por defender o direito ao acesso a educação na sua região no paquistão, onde pessoas locais impediam os jovens de irem a escola. Passando então essa mensagem da luta pela educação e como a educação ilumina caminhos. Em páginas seguintes também é retratado outras artes nas paredes que remetem a esse chamado pela paz, identidade e pertencimento : buquê de flores colorido (p. 8), grafite “toda mulher é linda” (p. 10 e 34), a palavra paz cercada de flores (entendi como o florescer da paz) (p. 25), arco-íris e corações (p. 21 e 25), bandeira do brasil (p. 10 e 22) e tarça de futebol (p. 24) (elementos que remetem o pertencimento nacional); Desenhos infantis (p. 10,27,32 e 38) (valorizando a arte e expressão da infância).


Esse conjunto de imagens e descrições mostra uma infância dotada de símbolos e vivências. A rua vira quintal, o balde vira mar, o muro vira tela. Tudo é reaproveitado, ressignificado, falado. A leitura do menino nos revela mais uma vez, que o ato de ver é também um ato de dizer: ele diz o que vê, mas também cria o que vê. Ele não apenas observa a realidade ele constrói sentidos a partir dela.

Como nos lembra Paulo Freire (1996), o conhecimento nasce da experiência e da troca com o mundo. Quando o menino compartilha suas observações, ele está também ensinando, ensinando a ver beleza onde não esperavam, ensinando a valorizar o que a sociedade invisibiliza, ensinando que toda criança tem algo a dizer sobre o lugar onde vive.


Essas partes do livro reafirmam com força que o olhar infantil é político, afetivo e criador. As lajes, as roupas no varal, o calor e o grafite não são só cenário são linguagem. E é por meio delas que o ele afirma sua identidade e seu lugar no mundo.

O menino segue sua narrativa mostrando que sua janela também é lugar de ver os pequenos milagres do dia a dia. Ele diz: “Às vezes, quando chove muito, o arco-íris visita meu barraco e colore um dia cinzento” (p. 16) e nas mais a frente podemos ver esse arco-íris ampliando saindo a partir da janela dele e seu desejo de “decifrar um mistério que vale mais que ouro...” (p. 18)


Esses trechos breves e delicados, são um dos mais poéticos do livro. A imagem do arco-íris (símbolo universal de beleza após a tempestade) tem uma dimensão ainda maior ao “visitar o barraco” do menino. O barraco (espaço tantas vezes marginalizado) é aqui morada




do encantamento e da esperança. O arco-íris não visita ou sai de um castelo, mas de uma casa simples e isso é incrível na literatura infantil.




Nas páginas seguintes ao desejo de decifrar esse algo valioso, o menino mostra brincadeiras com amigos, a beleza da infância, as tristezas e o desejo por paz e as pessoas em busca dos seus tesouros. Ainda a partir de sua janela, o menino segue observando os momentos de convivência e afeto em sua comunidade. Ele afirma: “Da minha janela converso com meus amigos conversa que vira brincadeira.” (p. 13) e posteriormente conta sobre suas preferências:




Essas partes são fundamentais para a compreensão da infância como tempo de experiências coletivas, de invenção e alegria. A variedade das brincadeiras descritas que envolvem movimento, interação, humor mostra a riqueza cultural presente na infância naquele local. Não se trata de jogos mediados por tecnologia, são brincadeiras de rua, de quintal, de laje. São práticas que atravessam gerações e fortalecem laços entre as crianças.




Esse momento revela que, apesar das dificuldades a criança experimenta a infância em sua plenitude: ela corre, ri, disputa espaço, inventa regras, cria vínculos. Tudo isso compõe um repertório afetivo e simbólico essencial para sua formação.




Como aponta Sarmiento (2008), a infância é um fenômeno social que se constrói também nos espaços públicos e nas práticas culturais das crianças. As brincadeiras coletivas são um modo de produção de saberes, de mediação de conflitos, de elaboração simbólica do cotidiano. Quando o menino vê seus amigos brincando, ele não apenas observa um momento de lazer ele reconhece o poder do coletivo, o direito à infância vivida.




Logo depois, no entanto, a narrativa muda. Após o cenário de alegria, surge uma frase que marca a obra de forma silenciosa e impactante: “Da minha janela escuto sons que me deixam muito triste...” (p. 24)




Esse é o momento mais delicado e também sutil do livro. Otávio Júnior adiciona com muita sensibilidade, a presença da violência na vida da criança. Não há descrição detalhada, nem foco no grande sofrimento. Tem apenas um olhar, um reconhecimento. A tristeza do menino é sentida, por não poder participar de atividades do dia a dia que permeiam a sua infância. Isso é uau. Porque respeita a criança enquanto sujeito capaz de sentir e interpretar, mas também protege sua infância ao não reduzir a traumas. A tristeza é acolhida sem ser romantizada. A janela neste momento, é também lugar de vulnerabilidade.




Essa escolha estética e narrativa dialoga com a pedagogia do cuidado e da escuta, como propõe bell hooks (2018). Reconhecer que a criança sente tristeza é validar sua humanidade. É dizer que ela tem direito à complexidade, à emoção, à dor. Mas é também permitir que ela elabore isso de maneira sensível, sem ser consumida por narrativas de vitimização.




A fala do menino não nomeia diretamente o que o entristece mas quem lê, entende. Entende porque a imagem fala, o corpo observa e diz. Como destaca Bakhtin (1997), todo texto é atravessado por vozes e aqui, as vozes da violência, da ausência, do medo, embora não ditas, estão presentes. Mas não vencem a narrativa. Elas são parte dela, não o final.




Essa parte é essencial para mostrar que o livro não nega a realidade da favela. Ele a ressignifica. Ele permite que a dor entre, mas não deixa ela dominar. Ensina que é possível nomear o que se sente. Ensina que mesmo a tristeza faz parte da vida e que ela pode ser dita com poesia e com verdade.




Em seguida, o menino diz: “Vejo o campinho vazio, que volta a se encher de gente quando fecho os olhos. (p. 26) e sonho coletivo de jogar no maracanã. Aqui apresenta o poder criador da imaginação infantil. O campinho está vazio. Mas basta fechar os olhos para que ele se encha de movimento, de vozes, de sonhos. Isso nos lembra que a infância é também um território simbólico, onde o que não está presente pode ser criado pela imaginação.




A referência ao “golaço no Maracanã” (p. 29) coloca a favela na cena do sonho nacional, da glória do esporte e da superação. Não é um sonho distante ou só uma ideia, é um sonho possível, construído a partir da própria realidade. O menino não sonha em ser outro, em estar longe de onde está ele sonha a partir do seu chão, do seu campinho, da sua laje. Isso tem um valor pedagógico e social, mostra para as crianças que seus sonhos são válidos, que seus espaços podem ser o início para alcançar. Avançando, o olhar do menino se amplia da casa e da rua, ele passa a observar os caminhos das pessoas da comunidade. “gente indo em busca do seu tesouro” (p. 34) descreve também crianças indo a escola e com acesso a livros




Nessa parte a favela não é só espaço de moradia e infância, mas lugar de saberes e de movimento. O menino reconhece em sua vizinhança pessoas que buscam algo. Elas caminham, carregam mochilas, livros, sonhos. E ele ao observar isso, também aprende. A aprendizagem não está apenas na escola formal, mas também nas ruas, nos trajetos, nos encontros, no meio social como bem vimos em várias citações de vigotski.




UEG




UEG




UEG




UEG




UEG




UEG




UEG




UEG




UEG




UEG




UEG




UEG




UEG




UEG




UEG




UEG




UEG



UEG



UEG



UEG

O uso da palavra “tesouros” é simbólico. A educação, o trabalho, o acesso ao conhecimento são tratados aqui como riquezas não materiais, mas simbólicas. É um olhar para a ideia de valor, Possibilidades de ir, de ser, de saber. As crianças retratadas com acesso a livros mostra que ler é possível, que ler faz parte do dia a dia. O livro, então, caminha para seu desfecho, com uma imagem panorâmica da favela vista do alto. Em suspense o menino diz: “Da minha janela...” (p. 38) e nas páginas seguintes revela que vê sua favela.

Isso é extraordinário. Em um mundo que a favela é invalidada, esse menino com seu olhar infantil, enxerga tudo isso. Isso não significa romantizar as dificuldades, mas afirmar o pertencimento, o afeto, a beleza possível. Como lembra Stuart Hall (2003), a identidade é construída também pelo reconhecimento de onde viemos, pelo vínculo com nossos espaços e histórias. E, por fim, o livro termina com uma pergunta que se dirige diretamente para quem está lendo: “E você, o que vê da sua janela?” (p. 23)

Esse convite é ao mesmo tempo simples e provocador. Otávio Júnior, nos convoca a olhar para nossas próprias janelas, nossas realidades, nossos privilégios ou ausências. É uma pergunta que nos tira do lugar confortável da observação e nos coloca na posição da escuta e da reflexão.

Essa pergunta final reitera tudo o que foi construído ao longo da obra: a ideia de que toda criança tem direito ao olhar, a palavra e a representação. E que toda leitura é também um diálogo. Como afirma Bakhtin (1997), o sentido nasce sempre da interação entre vozes. Ao perguntar o que o outro vê, o menino compartilha sua janela e nos convida a compartilhar a nossa.

O livro representa a infância como tempo de relações, de sensibilidade e de imaginação. A criança narradora nos mostra o mundo não apenas como ele é, mas como pode ser sentido, recriado, sonhado. Também observamos que a identidade é construída no corpo, no espaço, nas falas do cotidiano. O menino vê, nomeia e valoriza sua comunidade e com isso, mostra seu lugar no mundo. A leitura aparece como gesto de mediação, de resistência e de afeto. A leitura do mundo, das pessoas, das cores, das vozes. A leitura que se aprende na escola e na rua. A leitura que liberta, que amplia e transforma.



## CONCLUSÃO

Esse trabalho nasceu do desejo de olhar para a leitura como espaço de encontro, de construção de identidade e de valorização da infância. Ao longo desta pesquisa, foi possível compreender que a literatura infantil, quando pensada com intencionalidade e afeto, possui uma potência transformadora que vai muito além da alfabetização, ela afirma existências, constrói pertencimento e amplia horizontes.

Ao aprofundar os conceitos de infância, identidade e leitura, foi identificado que essas três dimensões não se isolam, mas se conectam na formação do ser. A infância é marcada por descobertas, relações e vivências que ajudam a moldar a maneira como as crianças se compreendem no mundo. A identidade, se constrói de forma contínua no diálogo com a cultura, o lugar, o corpo e a linguagem. A leitura nesse processo, funciona como uma ferramenta de mediação simbólica, emocional e social e possibilita que as crianças se vejam, se nomeiem e se reconheçam como parte do mundo.

A escolha do livro *Da Minha Janela*, de Otávio Júnior, como objeto de análise, foi essencial para demonstrar de forma concreta como a literatura pode ser espaço de resistência, de afirmação e de existência. O livro nos apresenta a história de uma criança que observa o mundo a partir de sua janela na favela, uma janela que não se abre para o preconceito, mas para a beleza, para o afeto, para a diversidade da vida cotidiana. Através de palavras e imagens construídas com muita intencionalidade, o autor nos convida a enxergar a infância em sua plenitude, sem romantizações, mas.

com respeito.

A análise detalhada das páginas do livro revelou como os elementos visuais e textuais conversam entre si para afirmar a favela como espaço de cultura, convivência, sonho e saber. As ilustrações vibrantes, os balões de fala, as brincadeiras, a presença de livros e de projetos comunitários, como o *Ler é 10*, reforçam uma visão positiva e humana da infância periférica. O livro rompe com estereótipos e propõe uma nova narrativa, em que a criança é autora de sua própria história, e onde o território deixa de ser cenário de escassez para ser reconhecido como lugar de saberes e de memória coletiva.

A proposta deste trabalho não foi apenas acadêmica, mas também política e afetiva. Ao trazer para o centro da reflexão as vozes que historicamente foram silenciadas vozes de crianças negras, pobres, moradoras de periferias, o estudo reafirma que a literatura tem um

papel social fundamental de garantir o direito a representatividade. Como concordam as ideias dos autores usados nesse trabalho, como Paulo Freire, hooks, Hall e Antonio Candido, a leitura é um ato de liberdade, de escuta e de transformação. Quando uma criança se vê nas páginas de um livro, ela também se vê no mundo com direito a palavra, a escuta e a imaginação.

Ao final desta jornada, reafirmo a importância de práticas pedagógicas que considerem a leitura como experiência cultural e crítica. Que educadores e educadoras possam escolher livros que falem com e sobre as crianças reais com suas cores, seus jeitos, seus lugares e seus sonhos. Que a literatura infantil possa ser, cada vez mais um território fértil para a construção de identidades diversas, para o fortalecimento da autoestima e a promoção da justiça social desde os primeiros anos de vida.

A partir da leitura da obra *Da Minha Janela* e dos referenciais teóricos que sustentam esse trabalho, concluo que a leitura literária precisa ser compreendida como direito humano, como prática de resistência e como caminho para a liberdade de significados. Toda criança merece se ver nas histórias que lê e mais do que isso, merece saber que também pode escrevê-las a partir da sua janela (suas vivências).

REEDUC  
REVISTA DE ESTUDOS EM EDUCAÇÃO

## REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da Criação Verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2011.
- CANDIDO, Antonio. **Vários escritos**. 3.<sup>a</sup> ed. São Paulo: Duas cidades, 1995.
- FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 23. ed. São Paulo: Cortez, 1989.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 36. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.
- HOOKS, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2018.
- JÚNIOR, Otávio. **Da minha Janela**. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2019.
- LINARD, J et. al. **Literatura negro-brasileira e representações na infância: uma leitura da obra Da Minha Janela, de Otávio Júnior**. Revista Crioula, São Paulo, n. 31, 2023. Disponível em: <https://revistas.fflch.usp.br/crioula>. Acesso em: 06 abr. 2025.

PAIVA, N et. al. A construção da identidade da criança na educação infantil numa perspectiva histórico-cultural. Revista olhares & trilhas, Uberlândia, p. 85-96, n. 11, 2010.

SARMENTO, Manuel Jacinto; GOUVÊA, Maria Cristina. Infância(s): conceitos, histórias e políticas. Petrópolis: Vozes, 2008.

SILVA, Marcel. **Literatura, infância e formação: práticas de leitura na escola e suas representações**. São Paulo: PUC-SP, 2017.

VIGOTSKI, Lev S. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

Enviado em: 08/10/2025.

Aceito em: 04/11/2025.

**REEDUC**  
REVISTA DE ESTUDOS EM EDUCAÇÃO